

Senhora Presidente da Assembleia

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente do Governo

Senhora e Senhores Membros do Governo

Numa época em que se enfrenta uma crise austera, com poucos recursos financeiros, estes têm que ser utilizados com toda a responsabilidade, de modo que a sociedade retire algum retorno do investimento público.

O sector agrícola tem sido um dos pilares da economia da nossa Região.

É com grande preocupação que vemos os recursos destinados à Agricultura emagrecerem neste Plano para 2013.

Bem sabemos que há que fazer opções. Mas as opções que se tomam não podem por em causa aquilo que tanto custou a construir a tantos e tantos agricultores e lavradores açorianos.

Quero levantar aqui umas quantas questões a quem assumiu a responsabilidade política de liderar as políticas públicas no sector agrícola:

1. Com um corte de cerca de 20% nos recursos afetos à agricultura, em relação ao Plano de 2012, não se estará a danificar o sector da nossa economia que maior contributo tem dado para a estabilidade social das nossas ilhas?

As nossas exportações têm no sector agrícola, nomeadamente na agropecuária, e na industrialização dos seus produtos, o seu grande suporte.

É este setor que tem criado e mantido uma boa fatia dos postos de trabalho que ainda temos.

Com este corte de 20% nas verbas destinadas à Agricultura não está o Governo Regional a por em causa o equilíbrio económico e social da nossa Região?

2. 25% das verbas destinadas à Agricultura, neste Plano de 2013, têm como destino dois parques de exposições, um em São Miguel e outro na ilha Terceira, e o Laboratório Regional de Veterinária na Ilha Terceira.

São investimentos que mantêm alguns postos de trabalho na construção civil.

Recentemente o Governo Regional demonstrou um grande interesse na rentabilização da fileira da madeira e no fomento florestal. Podíamos perguntar, se a madeira tem condições excelentes para ser exportada, porque não está a ser usada nestas três grandes obras?

A lavoura açoriana merece tais obras. Mas não estarão sobredimensionadas? Não correm o risco de obrigarem, no futuro, ao consumo de recursos que tão poucos são?

Mais ainda, quando no mesmo eixo descem os apoios às infraestruturas agrícolas, como os caminhos agrícolas, face a estas intempéries, onde haverá meios para a sua reabilitação.

3. Apesar do sucesso no melhoramento da sanidade animal que todos conhecemos, fruto, também, da grande vontade dos produtores e das suas organizações, já se nota no terreno a falta de meios para efetuar análises.

Com um corte de cerca de 53% nas verbas do Plano, destinadas a esta área, questiona-se, como se poderá manter a qualidade dos nossos produtos, nomeadamente nas áreas da carne e da genética dos nossos efetivos, e como se poderá evoluir no Estatuto Sanitário dos Açores, com uma quebra desta ordem?

Ficamos com um grande laboratório de veterinária, mas sem meios financeiros para que

se possa realizar análises tão necessárias à nossa produção.

4. Vemos que esta proposta de Plano para 2013 refere-se ao “apoio à reposição do aparelho e potencial produtivo agrário danificado por intempéries”. O pagamento que foi prometido, aqui nesta Câmara, no trimestre que agora finda, começa a fazer-se. Mas, afinal, quando será o efetuado os dos programas de incentivos à aquisição de terrenos agrícolas (Sicate e Ricta) e o programa de reestruturação das empresas agrícolas o Safiagri?

5. Vemos com satisfação as verbas dedicadas ao melhoramento das infraestruturas de abate em São Jorge e na ilha do Pico.

Gostaríamos que a ilha de São Miguel merecesse alguma atenção nesta área, já que é responsável por grande parte da carne exportada da Região, mas conta com uma abegoaria imprópria, dificultando a defesa da qualidade da “Marca Açores”. Então, pergunta-se para quando uma reestruturação do Matadouro de São Miguel?

6. Finalmente, uma questão relacionada com a Sinaga. Uma fábrica de grande interesse para o sector agrícola.

O Governo Regional adquiriu a Sinaga como forma de salvaguardar postos de trabalho, prometendo um projeto credível de desenvolvimento desta estrutura industrial.

Infelizmente, temos é assistido a um acumular de prejuízos de ano para ano na Sinaga. Criou-se uma política de arrendamento que trouxe um grande conflito no sector, e como seria de esperar, a sua própria ruína. Será para continuar esta política ruinosa de arrendamento de terrenos? E quando pensa a administração da Sinaga pagar aos agricultores a beterraba que foi entregue na fábrica na campanha de 2012? Era para ser a 17 de Dezembro de 2012. Mas até agora os agricultores continuam sem receber o seu dinheiro.



Quais são, afinal, os planos que o Governo Regional tem para a Sinaga?

Disse.